

Entre o cinismo e o sionismo



Por **CARLOS HORTMANN & FLÁVIO ALMADA***

Desmontar a falácia que confunde antissionismo com antisemitismo é o primeiro passo para enxergar a questão palestina em sua verdadeira essência: uma luta de libertação nacional contra uma ocupação colonial

1.

No passado dia 10 de outubro, Francisco Mendes da Silva escreveu no jornal português *Público* um artigo cujo título é [Dias de raiva](#), uma pseudo-resposta ao substanciado e [coerente texto](#), escrito por Alexandra Lucas Coelho.

Em primeiro lugar, não é preciso ser gênio da hermenêutica para detectar a flagrante hipocrisia e as falácias, digna dos argumentos sionistas, no texto de Francisco Mendes da Silva. Na verdade, o genocídio, perpetrado sobre o povo palestino, evidenciou em muito a hipocrisia, o cinismo e a manipulação da memória histórica. Quer dizer, se tornou um hábito na maioria dos *media* [imprensa], nos discursos de vários líderes, políticos e intelectuais, fazer transparecer ou intuir que tudo começou no dia 7 de outubro 2023, varrendo para debaixo do tapete décadas de ocupação tortuosa, massacres e despersonalização organizada e calculada sobre o povo palestino.

Segundo, é preciso assumir, reafirmar cada vez mais que quase um século de violência e *apartheid*, da transformação de Gaza num campo de concentração à céu aberto, é que gerou o 7 de outubro. A construção da entidade sionista desde 1948 foi assente na limpeza étnica, típica da lógica colonial: “O seu primeiro confronto desenrolou-se debaixo do signo da violência e a sua coabitação – mais precisamente a exploração do colonizado pelo colono – realizou-se com grande reforço de baionetas e de canhões. O colono e o colonizado conhecem-se há muito tempo. E, na realidade, tem razão o colono quando diz conhecê-los. Foi o colono que fez e continua fazendo o colonizado” ([Fanon](#)). É a entidade sionista que ocupa a Palestina e não ao contrário, sem ter isso em mente perde-se de vista o essencial da questão do conflito atualmente.

Terceiro, o Hamas não é um baluarte, mas a única força organizada capaz de enfrentar o projeto colonial sionista naquele território nos dias de hoje. É uma organização político-religiosa, com um braço armado e força política em Gaza, mas também na Cisjordânia. Afirmar isso não é o mesmo que dizer que concordamos com os fundamentos religiosos do Hamas, mas, simplesmente, reconhecer um facto, ele é a única força efetiva capaz de colocar em causa o colonialismo sionista.

Ninguém adoça ou romantiza o Hamas, primeiro, porque ele não é uma organização revolucionária, mas sim, uma organização de resistência anticolonial política-religiosa. Pronto! Toda a cantilena ocidental de “organização terrorista” é cortina de fumaça para que as pessoas não entendam a real questão no território da Palestina: colonização por assentamento imbuído na lógica limpeza étnica. Lembremos que o “novo querido” do dito “mundo livre”, o chefe de governo da Síria, é agora um “ex-terrorista perigoso do bem” – tudo depende se você serve ou não ao Imperialismo (sistema).

2.

Quarto, propalar o fim de Israel significa pôr fim ao Estado étnico-racial e de *apartheid* que controla o território da Palestina, não o fim dos judeus que lá vivem ou exterminá-los. Mas o fim dos contínuos colonatos que o Estado de Israel promove, querendo “resolver” uma questão demográfica. Entretanto, é preciso recordar a resolução 3379 da ONU que vigorou de 1975 até 1991, em que identificava o sionismo como uma forma de racismo e comparava-o com o *apartheid* da África do Sul.

Mas o ponto central é que Francisco Mendes da Silva recorre a uma velha tática ideológica do sionismo, que busca fazer uma equivalência entre o indivíduo judeu (em qualquer lugar do mundo), a coletividade judaica (a etnia ou religioso) e a suposta representação estatal de todos os judeus (Israel) – aqui está o truque. Por isso, Francisco Mendes da Silva afirma sem a menor desfaçatez que fazer crítica ao Estado de Israel coloque como horizonte o fim do projeto colonial sionista é o mesmo que criticar os judeus (enquanto pessoa ou coletividade), portanto, eliminá-los do território.

O mesmo truque ideológico, é o de justificar que todos os problemas de Israel são de responsabilidade do genocida Netanyahu, ou de todos os fanáticos que se alinham ao seu governo (Smotrich, Ben Gvir e afins), portanto, a velar que ele só se tornou a face mais violenta e exterminadora do que é o projeto colonial e racista do sionismo.

Quinto, a afirmação de Franz Fanon como teórico da violência, só demonstra que Francisco Mendes da Silva está a simular conhecimento e nem passou perto da leitura da obra fanoniana! (A direita já foi mais bem preparada intelectualmente, hoje se resume a chavões de autores que sequer leram), revelando que esta classificação diz muito mais da psique de Francisco Mendes da Silva do que Fanon que mostrou transtornado pela violência quando escreveu sobre a guerra colonial e perturbações mentais.

Mas essa afirmação não nos surpreende uma vez que o próprio Franz Fanon tratou sobre esse tema em *Peles negras, máscaras brancas*. É que no Ocidente o negro (não-branco) representa algo aterrorizante, o que ele chamou de “negro-fobogênese” e o que a direita conservadora, a extrema direita (neofascista) e, mesmo certos ditos progressistas não perdoam a Franz Fanon é o facto dele ter recusado negritude, como sinónimo de vitimização, na sua resistência de uma luta armada contra a violência absoluta da colonização francesa na Argélia, mantendo o aceso o espírito dos escravizados revolucionários de “Haiti onde a negritude se pôs de pé pela primeira vez e disse que acreditava na sua humanidade” como disse Aimé Césaire.

E o que os sionistas camuflados e assumidos não perdoam aos palestinos é a sua recusa em sucumbirem-se, em serem vítimas passivas e bem comportadas face à violência absoluta da entidade racista e colonialista que se responde pelo nome de Israel.

Nesse esteio, talvez Francisco Mendes da Silva imagine que a ONU seja uma instituição fanoniana por “Reafirmar a legitimidade da luta dos povos pela independência, integridade territorial, unidade nacional e libertação do domínio colonial e estrangeiro e da ocupação estrangeira por todos os meios disponíveis, incluindo a luta armada” (Resolução 3070).

Na ânsia de ocultar a questão fundamental do colonialismo por assentamento sionista, procura escapar afirmando que não são comparáveis as lutas de libertação nas antigas colónias portuguesas e a questão palestina, ou seja, sem argumento dispara a fazer perguntas retóricas com apelo moral e ético.

Sim, o Hamas recorre à tática do terrorismo, assim como a Revolução Argelina e as Libertação Nacional em Angola, Guiné e Moçambique. Isso se chama guerra assimétrica, em que o terrorismo como tática aparece como um dos poucos meios de luta de um povo dominado pelas forças coloniais.

Sim, teve crimes de guerra no dia 07 de outubro de 2023, mas como mostra o próprio jornal israelense e sionista, *Haaretz*, muitos mortos civis nesse trágico dia foram vítimas do [Protocolo/diretiva Hannibal](#). Com as suas questões, Francisco Mendes da Silva visa tocar a sensibilidade dos leitores, pois sabe que falar do terrorismo, mortos, inocentes e afins, a

mobilizar uma memória histórica muito recentemente construída a partir da “guerra ao terror” levada a cabo pelos EUA pós-11 de setembro de 2001. (Ah! por falar nos EUA, a malta do Francisco Mendes da Silva, “costuma” esquecer que as bombas atômicas jogadas sobre o Japão, rendido, foi um verdadeiro ataque terrorista).

3.

Retomemos os “argumentos” de Francisco Mendes da Silva. Ninguém afirma que se equivalem as mortes do 7 de outubro com outras experiências históricas distintas, mas elas podem ser comparadas dentro de suas particularidades.

O ponto central da questão é que se procura afastar o 7 de outubro de 2023 como o resultado de um longo processo de colonização/violência, colonatos, expulsão de um dos povos nativo daquela região: *Nakba*! Quando recorremos a comparações históricas, estamos a sair das aparências do fenómeno para mostrar a essência histórica que estrutura os processos coloniais nas duas diferentes facetas. Por isso, sua pergunta não é só retórica, mas falaciosa, porque ela diz algo que não é dito por estudiosos que procuram analisar comparativamente esses processos históricos.

O mesmo vale para a “assemelhança” em relação aos forasteiros portugueses da colonização dos territórios na África e a questão da construção Estado de Israel, assente no projeto sionista de um Estado étnico “para um povo sem terra, numa terra sem povo”. O problema fundamental é que a Palestina sempre esteve ocupada e povoada, inclusive por um número muito pequeno de judeus (não chegavam a 7%).

Esse é o cerne da questão, a povoação por assentamento, é um projeto colonial do sionismo (uma das correntes políticas dentro do judaísmo), que por vários meios, inclusive a compra de território levou a cabo a transferência de judeus para a Palestina no século XX. Os judeus que lá vivem, na sua grande maioria, não são forasteiros, mas o processo que levou as suas primeiras gerações de judeus foi produto da expulsão de 700 mil palestinos, que estão em disparadas. Se Francisco Mendes da Silva estudar a questão palestiniana a fundo poderia evitar de repetir chavões da cartilha sionista ou pode ser isso que você queira mesmo!

4.

Francisco Mendes da Silva escreve: “a autora [Alexandra Lucas Coelho] acreditar que o verdadeiro problema é a existência do Estado de Israel. Ou seja, a presença de judeus naquela região. Porque todos os judeus são soldados de uma ocupação ilegal do território palestino”. Como argumentamos anteriormente, a artimanha falaciosa de Francisco Mendes da Silva é transformar em equivalente, sinónimo ou numa identidade o Estado sionista de Israel (esse é o grande problema) e a presença de judeus naquela região.

É de uma aldrabice típica daqueles que distorcem para mentir e enganar as pessoas, apresente-nos nas centenas de textos que Alexandra Lucas Coelho escreveu sobre a Palestina, que o problema são as pessoas de origem judia a viver naquela região – relembramos que elas viviam muito antes de ter Estado sionista e historicamente quem perseguiu os judeus foram os cristão-católicos. É de uma infâmia sem tamanho afirmar algo deste género em relação a Alexandra Lucas Coelho.

Pois, defender o aniquilamento do Estado (entidade) sionista de Israel, enquanto projeto colonial e racista, não é o mesmo que aniquilar as pessoas que agora lá vivem, muitos em ocupações ilegais (os colonatos são um primor de legalidade). Tudo isso não passa de uma identidade que Francisco Mendes da Silva apresenta para inferir que se está a tratar das pessoas que lá vivem. Por que Israel nunca reconheceu os dois Estados? Ou, por que não existir um Estado palestino-judaico binacional? Cada cabeça um voto? Ah! O problema demográfico aterroriza o sionismo? Palestina livre do rio ao mar significa estar livre do jugo colonial sionista!

Comparar a guerra no território ucraniano com a questão Palestina-Israel só demonstra o desespero e falta de argumento para justificar tudo para prosseguir o projeto sionista de colonização. Um familiar próximo de um dos autores, afirmava muitas vezes o anti-semitismo só será enterrado quando o sionismo também for, pois, infelizmente, o sionismo é quem usa

a terra é redonda

de forma instrumental a tragédia do holocausto, tratando como uma excepcionalidade histórica para justificar o seu projeto colonial e racista na Palestina.

A parte final do texto, só denuncia o cinismo de Francisco Mendes da Silva, que diz ser o conflito “menos cínico do mundo”. “Jamais haverá paz se ambos os lados não recuarem muitíssimo na sua fidelidade aos princípios”, perguntamos, o primeiro deles a recuar não seria o projeto sionista, que não respeitou as fronteiras de 1948? A paz que vocês desejam é a paz cínica como toda a longa tradição colonial europeia violentamente perpetrada pelo mundo.

***Carlos Hortmann** é filósofo, historiador e músico.

***Flávio Almada** é escritor, tradutor, mestre em Estudos internacionais e rapper (LBC Soldjah).

A Terra é Redonda existe graças aos nossos leitores e apoiadores.

Ajude-nos a manter esta ideia.

CONTRIBUA